



Onésimo Teotónio Almeida

Álamo Oliveira (1945-2025) – um adeus a um grande escritor terceirense

Com 80 anos, faleceu no passado 6 de julho o escritor açoriano Álamo Oliveira, natural do Raminho, ilha Terceira (n. 2 de maio de 1945). Foi autor de cerca de quarenta livros que vão da poesia (12 livros), ao romance (7), ao teatro (14) e ao conto (2). Bastaria o seu *Até Hoje Memórias de Cão* (Ulmeiro, 1986), sobre a experiência na guerra colonial (na Guiné) para o catapultar a um lugar central na literatura sobre tão trágica faceta da história nacional. Esse romance pode ser erigido em ícone por múltiplas razões, entre elas o facto de abordar primeiro do que ninguém o tema da homossexualidade (no caso, precisamente dentro do contexto da guerra colonial). Sobre esse livro, João Medina escreveu um longo e notável ensaio publicado na *Revista da Faculdade de Letras*. Na contracapa da 2ª edição (Ponta Delgada, Signo, 1988), escrevi eu: “Uma ternura de livro em que a desilusão, o tédio, o amargo dos dias, a solidão, se tornam menos tudo isso por uma suavidade lírica que ressalta do próprio encadeado de palavras que conta essas tristezas.”

Repito há décadas que o Álamo Oliveira abusava de talentos. Nos Açores, ele foi uma instituição que perdurará muito depois de tantas outras desaparecerem. A promessa-vaticínio anunciada bastante precocemente num belo e emblemático “Poema-flor-e-flores” foi amplamente cumprida. É hoje mais do que óbvio que já nessa altura não apenas *Pão Verde* (Angra do Heroísmo, 1971), prefaciado por Natália Correia, mas toda a sua obra-a-ser estava mais do que amadurecida. Faltava apenas transportá-la para o papel. E ele fê-lo com enorme facilidade. Quase sempre em surdina, escondido num recanto da sua ilha Terceira, o seu Raminho natal, de onde foi continuamente lançando raminhos de oliveira cheios de palavras. Nomeio apenas dois: os romances *Já não gosto de chocolates* (traduzido em inglês e japonês) e *Murmúrios com vinho de missa*, que o crítico e romancista brasileiro Luiz Antônio Assis Brasil considera “a súpula de todas as preocupações de Álamo Oliveira, e ao mesmo tempo a sua obra-prima”. Sobre este último escrevi também no *Jornal de Letras*.

Álamo Oliveira tinha o verbo à mão com a metáfora a calhar para, nalgumas quantas frases, dar vida a um momento, pintar uma personagem (aliás, também era pintor), ou retratar um sentimento escondido no íntimo dela em páginas e páginas de autêntico artista da língua. Para Álamo, que optou por se fixar na ilha após a (má) experiência da tropa, viver aí não lhe criava ilusões sobre a espetacularidade da paisagem. Ele conhecia demasiado nos ossos os longos invernos e as vidas das gentes, para se deixar tomar pela magia de pores-de-sol esporádicos, ou pelos fulgores instantâneos de vistas de cascatas. Nunca o deixaram de todo as antigas preocupações sociais tão manifestas já no seu primeiro teatro e poesia, bebidas no espírito do neo-realismo e do cristianismo social dos anos 60, se bem que com o rodar dos anos fossem surgindo cada vez mais desprovidas de idealismos e mais envoltas em cética e cáustica ironia.

A temática de vários dos seus livros alarga-se ao mundo açor-americano da Califórnia, para onde aliás emigrara quase toda a sua família. É difícil separar as águas da escrita do Álamo. Para mim, ela é redonda. Houve um tempo em que a achei um pouco barroca, mas depois percebi que a curva era o seu modo de entrelaçar as palavras umas nas outras num estilo que as faz evolverem-se no chão.

Se calhar essa ideia de curvilíneo foi inspirada pela serena e constantemente redonda caligrafia do Álamo, uma letra de quem nunca tem pressa e acaricia o mundo que toca com mãos de veludo.

Embora não deixando de chamar nomes duros às coisas, encadeia tudo numa toada que a vertente de poeta do autor injeta de suavidade e musicalidade, tornando recetivas as mais cruéis verdades que acabam nos entrando nos tímpanos, na mente e na consciência, sem causar ferimentos, mas fixando-se com firmeza. Tudo isto porque mesmo na prosa o registo poético está sempre presente. Aliás, o poeta, o pintor e o romancista são inextricáveis.

A prosa de Álamo roça o chão sem nunca se lhe colar. Passa por cima de tudo como um pincel de artista, não se deixando cair nunca na fossa da triste realidade, mas pisando-a sempre de cabeça erguida, mirando o alto e o horizonte.

Mesmo quando se aventura pelas Américas, o Álamo mantém-se profundamente terceirense. Como Nemésio e Charrua (este último um célebre poeta popular), ele é bem da sua ilha onde as palavras tradicionalmente nascem do chão. Nemésio e Charrua, expoentes da expressão verbal terceirense, demonstram-no na perfeição; o primeiro transpondo para nível erudito a sua cultura de berço, o outro fazendo da vida a sua universidade. Álamo, por sua vez, conseguiu equilibrar essas duas dimensões. Terceirense até à medula dos ossos, a sua prosa respira a ilha que lhe calhou em sorte e com a qual casou até a morte os separar. A sua escrita mergulhou na insular vida dura dos anos 60, experimentou a tragédia do sismo de 80 que arrasou a sua amada Angra e a seguir renasceu fresca e airosa.

Álamo Oliveira foi de algum modo para a Terceira da minha geração um Linschoten (flamengo do século XVI, autor de uma pormenorizada descrição e de um famoso mapa da Terceira), por nos ter legado páginas que daqui a quinhentos anos poderão servir de mapa mental da ilha do seu tempo.

Não posso deixar aludir a outros belíssimos prosadores, seus conterrâneos e contemporâneos, como Vasco Pereira da Costa, Carlos Enes e Joel Neto, mas, no caso de Álamo, refiro-me à totalidade da sua obra (prosa, poesia e teatro) como a um álbum de mapas e painéis desenhados e pintados em sucessivos momentos da vida da sua gente na ilha e na diáspora açor-americana.

E quedo-me por aqui com pena de não ter mais espaço para prolongar esta minha justa e saudosa homenagem ao Álamo, com toda a gratidão por tudo quanto nos ofereceu ao longo da vida.

“Festival de Folclore da Relva é um dos maiores eventos regionais de celebração das tradições culturais” afirma Pedro Nascimento Cabral

O Presidente de Câmara Municipal de Ponta Delgada, Pedro Nascimento Cabral, acompanhado pela vereadora Cristina do Canto Tavares e pelo vereador Sérgio Rezendes, destacou que “o Festival de Folclore da Relva é um dos maiores eventos regionais de celebração das tradições culturais e por isso um grande motivo de orgulho para o nosso Município”.

O responsável autárquico falava na recepção de um dos grupos que irão participar no XXXI Grande Festival de Folclore da Relva - Mostra Folclóri-

ca do Atlântico, um evento organizado pela Junta de Freguesia da Relva e pelo Grupo Folclore de Cantares e Balhados da Relva, desde 1993, e que “fortalece laços entre a nossa comunidade e as culturas convidadas, num intercâmbio enriquecedor, onde a música e a dança são inspiradoras”.

Pedro Nascimento Cabral também fez questão de deixar uma palavra de apresso ao “Grupo Folclore de Cantares e Balhados da Relva e à Junta de Freguesia pela dedicação, espírito de resiliência e por contribuírem para a valorização do

folclore, um elemento tão representativo da nossa identidade e da nossa história. É um gosto ver esta vossa alegria, que perpetua as nossas tradições”.

A XXXI Grande Festival de Folclore da Relva - Mostra Folclórica do Atlântico contará com a participação do Grupo Folclórico de São José da Salga (Nordeste), do Grupo Folclórico de São Miguel (Ponta Delgada), do Grupo Cultural e Recreativo Domingos Rebelo (Ponta Delgada), do Folk Group “CIUCIURUKS” (Lithuania), do Grupo Folclórico da Fajã de Baixo, do Grupo d’ Art Popo-

laire, Berstett (Estrasburgo França) e do Grupo Folclórico de Cantares e Balhados da Relva.

O evento cultural, teve início, ontem, 1 de Agosto, às 19h30, com uma cerimónia de entrega de lembranças no Centro Cívico e Cultural da Relva, tendo sido como ponto alto da noite a actuação dos grupos folclóricos.

Este Festival surge inserido no programa das Festas de Nossa Senhora das Neves, na Relva, que decorrem até dia 6 de Agosto, com iniciativas diversas.